

SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO

ENCONTRO  
NACIONAL

## HOMOSSEXUALIDADE E INDIVIDUALISMO

Edward MACRAE (\*)

Desde meados da década de 60, a "vida pessoal" dos membros da nossa sociedade tem se tornado cada vez mais objeto de discussões políticas e acadêmicas. De "área menor" das ciências sociais, o estudo da família rapidamente cresceu em importância, sendo agora considerado por alguns em pé de igualdade até com os grandes temas tradicionais como a luta de classes.

Eli Zaretski, cujo livro "Capitalism, the Family and Personal Life" infelizmente ainda não é muito conhecido no Brasil, argumenta que o surgimento do capitalismo industrial, ao destruir as formas tradicionais de vida familiar, deu impulso a uma nova procura por uma identidade pessoal, ocorrendo fora do contexto da divisão de trabalho. Ele argumenta que ao se romper a integração entre a vida familiar e a forma de ganhar a subsistência, o eixo de autoridade social deslocou-se da família para centros de poder mais distantes. O conflito entre a sociedade e o indivíduo se agudizou. De um lado aparecia a "sociedade", a economia capitalista, o Estado, uma estrutura social sem lugar para o indivíduo; do outro lado aparecia a identidade pessoal que já não era mais definida por seu lugar na divisão social do trabalho. Em oposição a uma realidade dura e aparentemente imutável se teria criado o mundo moderno da subjetividade. Já que a identidade individual não podia se realizar através do trabalho ou da posse de propriedade, os indivíduos passariam a sentir a necessidade de serem apreciados "por si mesmos". A família tornou-se a principal esfera social em que o indivi-

---

(\*) Pós-graduando em Antropologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Preparando tese de doutoramento sobre o militante homossexual no Brasil da "abertura".

duo poderia ter primazia. Era o único espaço que os proletários "possuíam" e dentro dele se desenvolveu a "vida pessoal".

Na segunda metade do século passado, na Inglaterra e nos EUA, começava a tomar forma a sociedade de consumo e promulgava-se a crença que era através deste consumo que se chegaria à realização humana. Foi nesta época também que o trabalho infantil e feminino começou a ser marginalizado e relegado ao lar. A mulher agora passou a ser responsável não só pelo trabalho caseiro, necessário ao funcionamento da família, mas também pelos "valores humanos" dos quais se acreditava que a família seria repositório, como o amor e a felicidade pessoal e doméstica. O homem, por outro lado, ficou com a obrigação básica de ganhar o sustento da família.

A divisão da sociedade entre o mundo dos "sentimentos pessoais" e a "produção econômica" se integrou, assim, como a divisão sexual do trabalho. Nessas condições aparecia um novo tipo de família que acreditava funcionar de forma desvinculada da produção e que enfatizava as relações pessoais de seus membros e a auto-realização através do consumismo. Mas esta "vida pessoal" não consegue suprir um refúgio contra a impessoalidade do sistema capitalista avançado, do qual se tornou parte tão integral quanto a própria expansão geográfica daquele sistema econômico. Porém, esta dicotomia entre vida pessoal e produção, levou ao aparecimento em larga escala de uma nova idéia: a das relações humanas e dos seres humanos como um fim em si mesmos. Resumindo, a proletarianização teria levado à subjetividade. Hoje, portanto, os aspectos "pessoais" não podem mais ser ignorados na discussão política e como comprovação disso surgem as atividades de movimentos como o feminista e o homossexual que concentram seus esforços nesse campo.

Mais divulgado entre nós, o trabalho de Louis Dumont tem se voltado para o individualismo como sistema de representações dominante nas sociedades modernas. Contrastando estas com as tradicionais ou hierárquicas, onde a totalidade social é enfatizada às custas dos indivíduos biológicos, ele diz que no Ocidente predomina uma contínua fragmentação do todo social em domínios crescentemente autônomos. Traçando a trajetória de ascensão dessa ideologia onde a representação da totalidade é deslocada para o indivíduo, ele destaca alguns eventos como cruciais à sua consolidação como o Luteranismo, a Declaração dos Direitos

do Homem, a Revolução Industrial e a constituição do Estado burguês. A importância dada a esses eventos é devida a eles significarem a entrada em vigor, em determinado domínio, da prevalência do indivíduo sobre o social.

A consolidação do individualismo como corpo de representações dominantes implica em um processo de fragmentação contínua e incessante, em uma autonomização de esferas. Franchetto et alii chama a atenção para o fato de que o feminismo viria a representar mais um desdobramento dessa ideologia individualista, investindo sobre um dos domínios mais renitentes à destotalização: a família. Embora levantando questões de natureza distinta, os movimentos de liberação homossexual também se colocam ao lado do feminismo, elaborando novas identidades sexuais, subtraindo a sexualidade à família e a constituindo como domínio autônomo, totalmente independente da reprodução da espécie.

A luta feminista, porém, não se restringe somente a preocupações com a autonomia da sexualidade feminina, dedicando uma grande, se não a maior, parcela de seus esforços para consolidar a cidadania das mulheres. Existe uma acentuada defasagem entre os processos de individualização dos dois sexos. A identidade masculina já se encontra fortemente ancorada na esfera pública, no trabalho, na política etc., enquanto as mulheres só agora começam a se emancipar do domínio exclusivo da família e passam também a exigir igualdade de condições no trabalho e na educação. Portanto o feminismo, ou mesmo a sua expressão menos elaborada presente no senso comum das mulheres contemporâneas, abrange uma vasta gama de questões. Mesmo ao tratar da sexualidade a nova contestação feminina não pode deixar de levar em conta os problemas levantados pelo potencial reprodutivo de sua prática heterossexual, o que inevitavelmente leva à necessidade de abordar temas pertinentes ao futuro do conjunto da sociedade. Conseqüentemente, a consolidação da plena individualização feminina requer um certo grau de solidariedade grupal e uma identificação com mulheres oriundas de um amplo espectro social com reivindicações múltiplas.

Já os homossexuais, embora frequentemente agredidos em seus direitos humanos, são menos presos a essa identidade que se revela parcial, podendo variar no tempo e no espaço. Grande parte deles pode utilizar a tática do "passing" e assegurar os seus direitos de cidadãos manipulando sua identidade de forma quase impossível às mulheres, para quem é muito mais difícil "virar homem". Para os

homossexuais a questão se coloca de forma mais individualizante ainda e muitos escritos ou pronunciamentos recentes têm se colocado contra a ênfase de uma categoria homossexual, favorecendo, ao invés disso, a autonomia individual. Tomemos como exemplos três artigos escritos por Peter Fry, Jean Claude Bernardet e João Silvério Trevisan.

Em um artigo publicado pela Folha de São Paulo, Fry distingue entre duas formas de abordar a homossexualidade. Segundo ele pode-se fazer duas perguntas: "Fulano é ou não é homossexual?", ou então: "Sicrana transa mulher?". Destas duas ele prefere a segunda, pois como diz:

"A pergunta supõe que o desejo sexual para um parceiro do mesmo sexo é apenas um aspecto das atividades da pessoa, e que qualquer um tem esse aspecto em potencial. Em suma, a primeira pergunta supõe que as pessoas são homossexuais, heterossexuais ou bissexuais, enquanto a segunda tem como pressuposto que as pessoas estão circunstancialmente qualquer uma dessas coisas.....

.....  
A movimentação em torno da defesa dos "homossexuais" tem por objetivo a libertação sexual, mas contribui noutro sentido, para um novo controle da sexualidade... Ao pressionar pessoas a seguirem determinadas carreiras sexuais, corre-se o risco de desempenhar o papel de eliminar a anomalia e a ambiguidade na vida da sociedade e do indivíduo. São apresentadas duas opções excludentes que deixam de lado muitas outras." (Fry 1982)

Embora reconhecendo a importância da consolidação da categoria "homossexual" para combater o estigma social, ele pergunta se o conforto de um gueto bem arrumado é tudo que se pode desejar e termina:

Fourier sonhou com uma sociedade assim, toda divididinha em compartimentos especializados. Mas não seria possível sonhar com um outro tipo de sociedade menos categórica? Talvez não, mas a supressão da pergunta "afinal de contas é ou não é?", e a sua definitiva substituição pela segunda, "sicrana (fulano) transa mulher (homem)?", poderia ser um passo, ao menos, interessante."

Jean Claude Bernardet, discutindo a questão de se definir ou não como homossexual diz que entrar numa categoria pode ser tranquilizador, mas é também castrador:

"Homossexualidade não é privativo dos homossexuais, nem heterossexualidade de heterossexuais, nem masculinidade de homens, nem feminilidade de mulheres. Homo e heterossexualidade não de signam estados, mas formas ou possibilidades de comportamento extensivas ao conjunto do corpo social, envolvendo todas as pes soas independentemente da forma específica de sua genitalidade e da prática sexual a que se entregam exclusiva ou predominantemente... A definição como homo ou heterossexual remete ao ser, à essência de um ser, idêntico a si próprio, pedra de to que, princípio central organizador e aferidor de tudo o mais. Fissuras profundas desestabilizaram esse ser e as colmatagens aqui e lá não convencem muito. Esse ser (aos pedaços) não seduz mais, não é mais o rei de nosso imaginário, não é mais um princípio produtor de poesia. O que nos atrai, nos seduz, o que vivemos hoje como princípio produtor é o movimento, o fluir am bíguo. Antes as funções que o ser." (Bernardet 1982)

Tanto Fry quanto Bernardet, ao rejeitarem o "ser", favorecendo um "es-tar" ou um "fluir" estão, em última instância, defendendo a liberdade do indivíduo de ser incoerente consigo mesmo e com qualquer categorização ou essência que o transcenda e tenda a impor limites em sua liberdade existencial.

Em um artigo onde ocorre o sugestivo intertítulo "Contra o herói, a poe sia do indivíduo", Trevisan deixa totalmente explícita a conexão entre sua ma neira de encarar a homossexualidade e o individualismo:

"Pensar em formas subversoras de política significa subverter a própria subversão, aquela que se institucionalizou dentro e fora de nós: chega de modernizar o discurso das esquerdas patriarcais, que buscam recuperar os homossexuais às causas partidárias... Contra isso, as formas de realizar a Utopia tal vez se encontrem em nós mesmos: desenvolver portanto cada um

de nós, com nossas mais profundas especificidades de seres únicos. Partir de nossas individualidades para transformar - porque só somos verdadeiramente proprietários de nós mesmos. Daí, ser o indivíduo subversão à vista: nossa infinita variedade impulsiona uma invenção contínua e exige o novo... E como a individualidade é o terreno do improvável, estaremos adentrando o universo da poesia onde, ao contrário da militância, tende-se a abolir a doutrina e a normalidade... Quanto mais aprofundarmos nossas diferenças com a normalidade instituída (a sociedade heterossexual compulsória), tanto mais difícil será nos digerir. E tanto maior será nossa capacidade de virar mesa ... Tentemos não recriar heróis, não copiar modelos ou inaugurar santos, quer sejam o Travesti Mártir, o Viado Padrão ou a Grande Sacerdotisa Lésbica... Se for preciso terminar, introduzo o desejo contundente: Senhores Juizes, vossa mediocridade amaldiçoou as diferenças e arquitetou a loucura. Meu dellírio é que sou apenas o universo do meu eu, minha única legítima propriedade. E vossa condenação não chega até lá, graças às deusas." (Trevisan 1980)

Colocando esses artigos em seus respectivos contextos políticos, vemos que o interlocutor escolhido nos três casos é o movimento homossexual e outras tentativas auto designadas como "progressistas" de efetuar mudanças no relacionamento entre os sexos.

Entre os grupos autônomos que compunham o chamado "movimento homossexual" era comum a defesa de uma especificidade homossexual. Embora nunca tenham oficialmente tentado explicitar causas ou etiologia para a condição homossexual, esses grupos partiam do pressuposto que os homossexuais eram diferentes dos heterossexuais ou por razões inatas ou então por razões sociais e culturais. O artigo de Fry foi severamente criticado por alguns militantes que consideravam que ele servia para enfraquecer a sua posição de luta. Também entre os habituais frequentadores do gueto é comum a idéia que o "se assumir" como homossexual é simplesmente o reconhecimento de uma realidade pré-existente e não a criação de uma nova categoria social. Porém é importante levar em conta aqui a relativa falta de sucesso dos grupos em aglutinar os homossexuais, uma vez passada a euforia nacional de militância política de todas as espécies que se seguiu à "abertura

democrática" no país. Mesmo a simples frequência do "gueto" é mal vista por muitos que apesar de se considerarem homossexuais rejeitam a incipiente subcultura gay. A grande variedade em estilos de vida, idade, classe social, nível educacional, além das diferenças básicas entre homossexuais masculinos e femininos, tornam muito difíceis as tentativas empreendidas pelos grupos de se criar uma "consciência homossexual".

Mesmo se fizermos um salto e deixarmos de lado as preocupações humanistas e existenciais de autores interessados em combater massificações e promover a poesia, voltaremos a encontrar a ligação entre homossexualidade e individualismo. Estudando os trabalhos de Masters e Johnson que procuram aplicar princípios positivistas de ciência ao estudo da sexualidade, voltamos a encontrar a repetição do tema. Apesar de adotarem uma postura de aceitação positiva em relação à homossexualidade, os dois sexólogos americanos chegam à conclusão que entre os homossexuais predominaria o padrão de relações sexuais que eles denominam de "minha vez, sua vez", e que nós poderíamos chamar de "individualista", onde todo o foco da concentração sexual recai sobre a própria gratificação. Segundo eles:

"Em um relacionamento homossexual comprometido, cada parceiro retém a liberdade psicosssexual de gozar por si só o intercâmbio sexual. Por isso, é muito maior a sua liberdade de apreciação dos aspectos subjetivos da interação sexual, sem as importantes distorções inerentes na assunção, culturalmente orientada, do casal heterossexual da responsabilidade pelo grau de envolvimento subjetivo do parceiro. Esse conceito cultural de responsabilidade pelo parceiro torna-se, é claro, particularmente aparente durante o coito... Embora haja também as técnicas de pseudo-coito, a penetração retal e o emprego do dildo, além de oportunidades de masturbação mútua, trata-se de formas de interação empregadas por uma minoria dos homossexuais comprometidos que foram voluntários para colaborar com a investigação do Instituto." (Masters e Johnson 1979:175)

Apesar de sua aparente "cientificidade", a validade dessas afirmações é provavelmente restrita à população específica estudada pelos pesquisadores. Uma rápida pesquisa feita "ad hoc" com informantes brasileiros de alta confiabilidade



de sugere uma preocupação muito maior com o gozo mútuo, sendo o orgasmo simultâneo geralmente considerado o ideal, embora não imprescindível em uma relação homossexual. Para tanto parece ser comum aqui o emprego de técnicas de estimulação simultânea dos dois parceiros como masturbação, felação ou cunilíngua mútuas ou no caso de uma relação anal entre homens, a masturbação concomitante do agente "passivo" pelo "ativo".

Reconhecidamente é difícil generalizar a respeito de tais detalhes da prática sexual que indubitavelmente devem variar de acordo com as representações adotadas a respeito das categorias classificatórias da sexualidade. Se aceitarmos a visão de Fry (1982 b:87) podemos pressupor que entre os "entendidos" que enfatizam a igualdade dos parceiros, esta preocupação com a satisfação simultânea seria mais presente que entre aqueles que enfatizam a hierarquia dos papéis "ativo" e "passivo".

Em termos da própria pesquisa de Masters e Johnson, esse dado parece contraditório pois, como veremos mais adiante, eles enfatizam o nível elevado de envolvimento subjetivo dos homossexuais comprometidos, refletido na verbalização franca de informações sobre as necessidades sexuais dos parceiros tanto no decorrer da interação sexual quanto antes e depois dela. Apesar de tudo isso, a percepção dos pesquisadores foi a predominância do padrão "minha vez, sua vez". Mesmo duvidando da justeza de suas concepções, devemos admitir a existência de um viés cultural existente na sociedade que os cerca e que é suficientemente forte para contaminar a sua ciência. Este viés enfatizaria o individualismo implícito em uma sexualidade totalmente desvinculada da reprodução, do qual a homossexualidade é um exemplo consumado.

A própria sexologia parece ser uma ciência individualista. Sua preocupação com função sexual adequada e com o corrigimento de disfunções através de técnicas de cunho behaviorista, dá muito importância à "performance" dos casais, deixando de lado qualquer ênfase na procriação ou considerações de natureza social mais amplas. Escolhendo como seu objetivo principal promover o orgasmo satisfatório, a sexologia combate principalmente a impotência, a frigidez, a ejaculação precoce e a ausência de ejaculação. Não ocorrendo disfunções desse tipo, qualquer orgasmo parece valer a pena e os velhos tabus contra a homossexualidade, a masturbação, o sexo entre idosos etc. são combatidos. É uma ciência em

expansão e os conceitos com que opera estão sendo crescentemente veiculados como as novas verdades do sexo.

Entre estas destaca-se a equivalência em termos de funcionalidade orgânica das atividades hetero e homossexuais, o que tende a atenuar cada vez mais qualquer diferença que pudesse ser considerada como inerente às duas categorias. Uma vez efetuada a desvinculação do sexo com a reprodução da espécie, torna-se possível comparar os comportamentos hetero e homossexual em pé de igualdade. Masters e Johnson constatarem assim que é absolutamente clara a inexistência de qualquer diferença estatisticamente significativa de facilidade de resposta a níveis orgâsmicos às técnicas estimulativas da masturbação, manipulação pelo parceiro e felação/cunilíngua, entre homens e mulheres homossexuais, sexualmente experientes e homens e mulheres heterossexuais igualmente experimentados. (Masters e Johnson 1979:169)

Quando os pesquisadores constatarem diferenças entre as performances dos heterossexuais e dos homossexuais, a diferença favorece os homossexuais. Estes últimos alcançariam um nível mais elevado de envolvimento subjetivo na interação sexual, sendo mais relaxados, atuando com vagar e menos direcionados à meta do orgasmo. Entre os casais homossexuais "comprometidos" a troca de prazeres em todos os níveis de excitação sexual aparecia como sendo da maior importância, a experiência do orgasmo figurando somente como mais um passo na sequência de gratificações. Já os heterossexuais pareciam atuar sob uma pressão para "cumprir a tarefa" e a maioria dos casais levava menos tempo em todo o processo, do início ao fim, do que os pares homossexuais dispendiam em cada fase do incremento da tensão sexual. Os heterossexuais davam às vezes a impressão de valorizarem a experiência objetiva do atingimento da meta quase tanto como a experiência subjetiva do orgasmo (Masters e Johnson 1970:56). Estas considerações se referem aos casais homossexuais "comprometidos" comparados aos heterossexuais casados. Os casais "designados" pelos pesquisadores tendiam a ter, tanto os heteros quanto os homossexuais, um comportamento mais parecido, buscando atingir a descarga final da forma mais rápida e eficaz possível (Masters e Johnson 1979:76).

Masters e Johnson também enfatizam o fato de que o relacionamento homossexual parece ser mais fácil devido à empatia intrassexual e a liberdade de identificar necessidades sexuais, distrações, prazeres, antipatias, o que sustêm

em níveis altos o envolvimento subjetivo dos casais homossexuais comprometidos na interação sexual que tendia a ser marcada por um livre fluxo de comunicação verbal e não-verbal (Masters e Johnson 1979:175). Devido a essa facilidade houve vários exemplos de casos em que temores multidimensionais em relação ao desempenho sexual impeliram homens e mulheres a trocarem uma orientação heterossexual insegura e ansiosa por uma orientação homossexual confiante. Como dizem os pesquisadores:

"Quando o indivíduo se encontra sob pressão para atuar sexualmente, a interação intersexual obviamente apresenta uma maior possibilidade de fracasso que a intrasexual" (Masters e Johnson 1979:184).

O próprio desenvolvimento de uma ciência como a sexologia, mais preocupada com a produção do orgasmo e da satisfação sexual individual do que com a reprodução da espécie já pode ser tomado como um indício importante da ênfase que se dá hoje entre nós ao indivíduo. A homossexualidade sempre representou uma das maneiras mais comuns e eficientes de manter a separação entre sexo e procriação e não é de se estranhar que hoje, quando o sexo descompromissado passa a fazer parte da vida de uma parcela cada vez maior de membros da nossa sociedade, que os homossexuais ocupem uma posição de pioneiros de um novo estilo de vida. Poderíamos quase falar em uma homossexualização da sociedade.

Hoje, dizer que alguém é homossexual significa muito mais do que comentar com quem essa pessoa tem relações sexuais. Nos EUA já está muito desenvolvido o chamado "estilo de vida gay" que enfatiza o hedonismo, o sexo descompromissado, e o consumo. Edmund White (1980) comenta sobre a "juventude eterna" dos gays modernos, preocupados com cultura física e com o seu desenvolvimento psicológico. No passado a maioria da população passava quase instantaneamente da adolescência (sensual, vivaz, aberta a experiências novas) para uma maturidade oprimida, sacrificada e de decadência física acelerada. Só uma minoria aristocrática conseguia escapar desta transição repentina, prolongando um pouco o período de introspecção, namoros, egocentrismo e beleza física. Mesmo assim, este período de graça terminava pouco depois de completos os trinta anos. Como diz White, hoje, nos Estados Unidos e especialmente entre os homossexuais masculinos, este período de "adolescência" está sendo estendido até a casa dos quarenta, cinquen

ta e mesmo sessenta anos. Tornou-se uma forma de vida. É importante frisar aqui que isso não é o mesmo que dizer que os homossexuais são "imatuross", mas somente que têm uma preocupação em se manterem atraentes, mais flexíveis e abertos a mudanças (White 1980:66).

As tendências detectadas nos Estados Unidos também começam a se reproduzir no Brasil, especialmente entre as classes médicas urbanas e esta maior flexibilidade vem muito de encontro às necessidades da sociedade moderna. Esta é presidida por grandes burocracias estatais e privadas, torna-se cada vez mais im pessoal e sua dependência no crescimento econômico permanente requer um público cada vez mais desenraizado, cujos gestos e necessidades sejam facilmente moldáveis às necessidades do momento. Ora, apesar de todas as suas fraquezas, a família tem fornecido ao indivíduo um lastro de permanência, e uma base para seus valores. Talvez isto entre em conflito com o capitalismo de hoje, que nas grandes cidades, não só americanas e européias, mas também algumas brasileiras como São Paulo e Rio, enfatiza cada vez mais a importância de um individualismo consumista. Dentro deste contexto pode se entender melhor porque hoje nos centros mais desenvolvidos do mundo o ideal da família tradicional começa a ser questionado e passa-se a cogitar sobre o aborto livre, os veículos de comunicação de massa veiculam as idéias de libertação feminina e o divórcio torna-se cada vez mais rotineiro. Rapidamente a sociedade está caminhando em direção a um modo de vida que antes cabia somente no homossexual que, por causa de sua marginalização social, muitas vezes era levado a um individualismo exacerbado. É relevante notar que em Nova York já existem bares, salões de dança, saunas etc., onde os heterossexuais podem compartilhar do hábito de sexo descompromissado que antes era uma marca do estilo de vida homossexual. Este fenômeno embora menos desenvolvido também ocorre entre nós, e tanto São Paulo quanto Rio já têm seus "single bars".

Portanto, não é de estranhar que o homossexualismo, de repente, parece tornar-se mais aceito, pois agora, em vez de ser uma ameaça ao sistema, ele pode até tornar-se um padrão a ser imitado. É claro que isto está sendo somente colocado como uma possível tendência, contra a qual persistem fortes barreiras sociais, estruturais e atitudinais.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARDAILLON, D. & CALDEIRA, T. (1984). Mulher: Indivíduo ou Família. NOVOS ESTUDOS CEBRAP. São Paulo, v.2(4): 2-10, abril.
- BERNARDET, J.C. (1982). Os Homossexuais no Momento de sua Definição. FOLHA DE SÃO PAULO. (Folhetim - suplemento dominical). São Paulo, 11 de Julho, p.9.
- CHAUÍ, M. (1984). Repressão Sexual essa nossa (des)conhecida. São Paulo, Brasiliense, p.239.
- DUMONT, L. (1972). Homo Hierarchicus. Londres, Paladin
- DUMONT, L. (1977). Homo Squalis. Paris, Gallimard
- FRANCHETTO, B., CAVALCANTI, M. & HEILBORN, M.L. (1981). Antropologia e Feminismo. PERSPECTIVAS ANTROPOLOGICAS DA MULHER, 1. Org. B. Franchetto et alii, Rio de Janeiro, Zahar, pp.11-48
- FRY, P. (1982a). Ser ou não Ser Homossexual, eis a questão. FOLHA DE SÃO PAULO (Folhetim - suplemento dominical). São Paulo, 10 de Janeiro, p.3 .
- FRY, P. (1982b). Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. PARA INGLÊS VER. Rio de Janeiro, Zahar, pp.87-115 .
- MASTERS, W.H. & JOHNSON, V.E. (1979). Homossexualidade em Perspectiva. São Paulo. Livraria Editora Artes Médicas, p.362
- TREVISAN, J.S. (1980). Por uma Política Menor: bichas e lésbicas inauguram a utopia. LAMPIÃO DA ESQUINA nº 25. Junho, p.10 .
- WHITE, E. (1980). States of Desire. New York, E.P. Dutton
- ZARETSKY, E. (1976). Capitalism, the Family and Personal Life. Londres, Pluto Press, p.156 .